

---

## **Cidadania e comunicação virtual: indícios de empoderamento do imigrante haitiano em Joinville (SC)<sup>1</sup>**

Sirlei de SOUZA<sup>2</sup>

Jonathan PRATEAT<sup>3</sup>

Kawanna Alano SOARES<sup>4</sup>

Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC

### **RESUMO**

A pesquisa em desenvolvimento vincula-se ao Programa Institucional de Pesquisa em Comunicação da Universidade da Região de Joinville (Univille), visa problematizar como (e se são) utilizadas as redes sociais pelos imigrantes haitianos na cidade de Joinville (SC) como ferramenta de empoderamento e de discussão da cidadania migrante. A presente comunicação dedica-se a analisar a narrativa produzida por intermédio de entrevista semiestruturada com uma jovem imigrante haitiana. Os resultados parciais indicam uma apropriação das redes sociais como espaço de fortalecimento dos vínculos, bem como de empoderamento. O destaque é para a utilização da língua de origem nas postagens, bem como a valorização da cultura haitiana entre os temas vinculados nas redes sociais da entrevistada.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidadania; redes sociais; imigração haitiana.

### **INTRODUÇÃO**

O movimento migratório acompanha o ser humano durante toda a sua história, mas as suas formas e características foram modificadas com o passar dos anos. O direito à cidadania encontra-se intrinsecamente ligado à temática, pois não é unicamente a qualidade de ser um cidadão ou membro de um Estado, mas também ao sentimento de pertencimento, os direitos e deveres conexos. Os princípios de cidadania, diferença e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação para Cidadania, na Divisão Temática 7 Comunicação, Espaço e Cidadania, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade da Região de Joinville (Univille) nos cursos de Direito, Enfermagem, Naturologia e História. Coordenadora do Curso de Direito da Univille de São Francisco do Sul. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9958226369659395>. E-mail: <professorasirlei@gmail.com>.

<sup>3</sup> Professor adjunto da Universidade da Região de Joinville (Univille), em Santa Catarina no Brasil. Docente nos cursos de graduação em Design e Publicidade e Propaganda. Mestre em Design e Expressão Gráfica pela UFSC e Doutorando em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0313114890310260>. E-mail: <j.prateat@univille.br>.

<sup>4</sup> Bacharel em Direito pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7931975558100604>. E-mail: <kawannaalano@gmail.com>.

---

liberdade de manifestação cultural ganharam espaço no Estado Moderno, especialmente no Estado Democrático de Direito (WENCESLAU; SILVA, 2014).

Na contemporaneidade uma nova realidade precisa ser levada em conta trata-se do ciberespaço. Tal conceito surgiu na obra literária de Willian Gibson na década de 1980, onde no prefácio da edição brasileira de 2003 do livro de ficção científica *Neuromancer*, define que "o conceito criado por Gibson neste livro, o cyberspaço, é uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'" (MONTEIRO, 2007, p. 03).

Este novo espaço abstrato permitiu a construção de relações sociais à medida em que a tecnologia atingiu a popularidade e os equipamentos puderam ser acessados por mais pessoas, essas pessoas conectaram-se através da *World Wide Web*, criada por Tim Berners-Lee (CARVALHO, 2006). Esse espaço social é outra forma de vida, que Sodré (2006) nomeia de *bios* virtual, como uma "esfera existencial ou vida ético-social organizada no interior da polis" (SODRÉ, 2006, p. 96), e as redes sociais desenvolvem um novo fluxo de contato por meio de uma realidade tida como sistêmica, "uma espécie de comunidade afetiva de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social" (SODRÉ, 2006, p. 96).

Estes fatores auxiliaram na mudança do processo migratório, pois no passado, quando se deixava o país de origem, havia maior dificuldade de se manter os vínculos não apenas com o Estado mas com a cultura e os entes queridos que lá permaneciam. Ocorre que, com o advento da internet e os novos meios de acesso, os imigrantes permanecem conectados com as suas raízes e como com o restante do mundo. Nesse mundo digital existe a copresença, onde estão próximos mesmo fisicamente distantes, de formas síncrona e assíncrona.

A pesquisa, de onde esse artigo é um recorte, ainda em andamento, está vinculada ao Programa Institucional de Pesquisa em Comunicação (PIP), da Universidade da Região de Joinville (Univille), aprovada pelo Comitê de Ética em agosto de 2020 (sob o número do CAAE: 33719620.0.0000.5366), e busca analisar esta vivência por intermédio de entrevistas com haitianos situados na cidade e a forma de utilização das plataformas sociais. Serão realizadas ao todo cinquenta entrevistas e análises de redes sociais utilizadas por esses imigrantes no prazo de três anos<sup>5</sup>. O

---

<sup>5</sup> As entrevistas serão transcritas e doadas ao Laboratório de História Oral (LHO) da Univille. Para conhecer mais acesse: <http://lhouniville.wixsite.com/novo> e COELHO; SOSSAI, 2016.

objetivo é compreender e aprofundar a discussão a respeito de cidadania e a utilização do mundo digital como forma de engajamento social. Diante disto, uma das entrevistas realizadas em 2020, intitulada D, será aqui analisada. Trata-se de uma jovem haitiana de 20 anos que chegou ao Brasil em 2013, a narrativa produzida pela entrevistada sobre suas vivências tanto no espaço escolar quanto nas plataformas digitais, são problematizadas no contexto do empoderamento migrante.

## **MIGRAÇÃO HAITIANA**

As migrações internacionais ocorrem, por vezes, quando o cidadão se depara com a impossibilidade de permanecer em seu país por situações como perseguição política, desastres naturais e falta de possibilidades de uma vida digna – problemáticas existentes no Haiti. O filósofo camaronês Mbembe (2014) explica que o Haiti foi o segundo maior receptor de pessoas escravizadas na história e, ao chegar o Século XIX, sua população era composta por cerca de 90% de escravos africanos.

A história do país está carregada de lutas, revoltas e instabilidades político-sociais. Durante os anos de 1791 a 1804 perdurou uma revolta pelo movimento antiescravidão haitiano e a vitória contra os franceses veio em 1794 na Convenção Nacional de Paris. Essa foi a mais bem-sucedida revolução de escravos e desembocou na independência da ilha, conquistada em 1º de janeiro de 1804 (MBEMBE, 2014).

Sobrevieram desde então problemas políticos constantes no país, como mais de vinte e duas mudanças no governo entre os anos de 1901 e 1915. Os Estados Unidos ocuparam o país de 1915 a 1934, declarando o desejo de estabilizar a política, o que desencadeou mais instabilidade político-social até 1956. As primeiras intensas ondas emigratórias deram-se devido à perseguição política e violência da ditadura autoritária, chamada de Dinastia Duvalier (1957-1986). Sucedeu-se a primeira eleição em 1990 e então um golpe militar de Estado que iniciou outro período de violência com uma instabilidade que perdurou até os anos 2000 (SANTOS, 2014).

O país, que já se encontrava debilitado político e financeiramente, foi gravemente abalado pela crise financeira mundial de 2007-2008, ocasionando novamente o aumento das remessas emigratórias para outros países (MAGALHÃES,

2017). Os desastres naturais de 2010 e 2016<sup>6</sup> agravaram o contexto do Estado que possui o pior índice de desenvolvimento humano na América (ONU, 2015) e as já existentes ondas migratórias, foram impulsionadas pelas dificuldades decorridas desses acontecimentos.

O fluxo migratório para o Brasil, na década de 2010, possuía em seu contexto as dificuldades em migrar para outros países da América e da Europa e à Resolução aprovada pelo Conselho Nacional de Imigração, que autorizava a concessão de até cem vistos permanentes mensais de caráter humanitário para haitianos que desejavam morar no Brasil (LEGISWEB, web).

Nesse contexto Joinville que é a maior cidade do Estado de Santa Catarina em número de habitantes, passou a configurar entre os principais destinos de haitianos no sul do Brasil devido às possibilidades de emprego (SOUZA, 2019). Conforme o Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), em março de 2021, havia na cidade quase 3.500 haitianos (JOINVILLE, 2021). É possível vislumbrar em dados fornecidos pela Polícia Federal que, entre os anos de 2012-2016, foram registrados no país 77.077 imigrantes haitianos, destes 21,07% em Santa Catarina e com 12,60% apenas na cidade de Joinville (SOUZA, 2019). E dados atualizados mostram que foram atendidos pela Polícia Federal de Joinville, de 2007 a abril de 2020, 3.991 imigrantes haitianos – com a maior incidência de 1.399 no ano de 2016 (POLÍCIA FEDERAL, 2020).

## **CIDADANIA E OS INDÍCIOS DE EMPODERAMENTO MIGRANTE**

Ao se analisar a imigração de haitianos para Joinville (SC), a problemática está por um lado nas tensões de deslocamento e na possível recusa do local de destino e por outro, na necessidade de se compreender as estratégias desenvolvidas pelos imigrantes para a vivência com o diferente, o enfrentamento do preconceito e da xenofobia, o acesso à cidadania, aos direitos e a ascensão social. Para ajudar na compreensão dessas questões fora selecionada, dentre as entrevistas realizadas até o presente momento, e

---

<sup>6</sup> O terremoto de alta escala em 2010 deixou 316 mil mortos, 350 mil feridos e mais de 1,5 milhão desabrigados, para maiores informações acesse: [https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529\\_549176.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/09/album/1578569529_549176.html) (EL PAÍS, 2020); e o furacão Mattew, que ocasionou quase 900 mortes em 2016, vide: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/06/internacional/1475746470\\_475357.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/06/internacional/1475746470_475357.html) (EL PAÍS, 2016).

---

para análise neste artigo, a entrevista D<sup>7</sup>. A escolha se deu por ser representativa, com diversas camadas refletindo as estratégias comunicacionais e sociais criadas pela experiência migrante. A entrevistada é uma jovem ativa engajada com discussões étnicas, políticas e possui muita sensibilidade em suas interlocuções.

A cidadania é um conceito que se modifica dependendo do tempo histórico e da sociedade em questão, mas apresenta-se como um processo educativo onde um grupo, seguindo determinadas regras, busca solucionar conflitos internos da sociedade. Mostra-se como consequência da cultura estabelecida pelas vivências do coletivo (WENCESLAU; SILVA, 2014).

Em seus estudos Oliveira (2005) analisa as divisões polissêmicas das palavras cidadania e cidadão nos dicionários brasileiros. A autora mostra que a condição de cidadão era definida em 1789 como pessoa de privilégios, “homem bom” e pertencente a uma cidade. No Século XX a conceituação de cidadania e cidadão passa a ser ligada ao Estado Brasileiro, logo ao pertencimento a determinado país. O conceito de cidadania abrangeu o gozo de direitos ou desempenho de deveres para com o Estado em meados de 1975 e, no ano de 1986 expandiu-se para abranger “cidadão do mundo” e “cidadão do universo”, em busca de apropriar-se de um discurso ético-humanitário. Sob o viés sociológico, cidadão seria um indivíduo ativo na comunidade em que vive, preocupando-se com questões políticas e sociais, por exemplo. Isto porque, a cidadania é um processo contínuo e coletivo, buscando a efetivação dos Direitos Humanos e o desenvolvimento de uma sociedade justa e solidária.

E, quando é analisada a cidadania migrante,

O que observamos é uma ampla quantidade de movimentos de imigrantes lutando por direitos de cidadania nas nações de destino e questionando às classificações oficiais e legalistas desses Estados que continuam nomeando os estrangeiros como “ilegais” ou/e “clandestinos”. Além disso, é importante também situar as novas gerações de filhos e netos de imigrantes que nasceram nessas nações de destino. Esses descendentes são legalmente cidadãos desses países, mas continuam geralmente sofrendo discriminações. Eles são tratados como estrangeiros e vivenciam as ambiguidades das afirmações e negações de suas identidades nacionais, além da fragilidade da

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada online, pela plataforma Teams, em 25 de outubro de 2020, às 20 horas e 39 minutos – com a duração de 1 hora e 7 minutos. Os entrevistadores foram a Professora Doutora Sirlei de Souza e, então bolsista, Kawanna Alano Soares. A entrevistada tem 20 anos, cursa Comércio Exterior na Universidade da Região de Joinville, é natural de Porto Príncipe e migrou para o Brasil em 2013. Suas redes sociais analisadas foram o Instagram e o Facebook.

---

garantia de direitos e de reconhecimento por parte de outros nacionais.  
(ALBUQUERQUE, 2012, p. 187-188)

É importante explorar o engajamento dos imigrantes com as causas políticas como forma de exercer a cidadania e de ser um integrante ativo da sociedade brasileira. A entrevistada cita a sua participação no Parlamento Jovem e a eleição a 22º Presidente dos Deputados de Jovens Catarinenses (Entrevistada D, 2020, p. 10). Este engajamento político está diretamente ligado à ocupação de espaços de cidadania e ao sentimento de pertencimento ao Brasil, logo o desenvolvimento de laços no país receptor.

Para a entrevistada, o fato de ter vindo para o Brasil com 13 anos de idade ajudou nesse processo de engajamento no espaço escolar, idade que, no seu entendimento, facilita a adaptação aos estudos, diferentemente dos adultos que encontram dificuldades ao chegar no país devido à burocracia que envolve a validação das documentações ligadas à educação<sup>8</sup>:

É porque, assim, quando vem e termina o Ensino Médio aqui, já facilita bastante para fazer faculdade, sabe? E quando vem já com a papelada pronta, por exemplo, meu pai tem um monte de diploma, entende? E ele trabalha na Tupy. E se a gente for analisar, não é só ele como haitiano, são vários. E alguns têm bem mais diplomas que ele e trabalham no mesmo lugar que meu pai ali, na Tupy<sup>9</sup>. Então, neste caso, assim, é bem triste de ver. (Entrevistada D, 2020, p. 21)

A entrevistada cita que seus irmãos mais novos, que estão fazendo o Ensino Básico, já estariam se familiarizando e colocando-se na sociedade de outra forma, tendo outras oportunidades que os adultos, por vezes, não conseguem construir quando chegam ao país receptor.

E aqui também tem mais oportunidade para jovens, que vem para cá estudar, que foi o meu caso e do meu irmão. E tá sendo o caso, ali, dos meus irmãozinhos, que eles vieram para cá, (...) veio com uns 7/5 anos e a outra veio com 8/9. **Eles estão estudando, então estão se colocando e se familiarizando, digamos assim, na sociedade brasileira.** E quando terminar o Ensino Médio vai ser bem mais fácil achar uma faculdade, se quiser fazer faculdade. Como, por exemplo, uma pessoa que veio com diploma, que já concluiu o Ensino Médio lá

---

<sup>8</sup> Destaca-se a opção de manter de forma literal as falas da entrevistada, sem ajustes gramaticais, por compreender ser importantes as expressões utilizadas na língua falada.

<sup>9</sup> É preciso esclarecer que a empresa que a entrevistada se refere é uma grande metalúrgica local, que já chegou a empregar mais de 300 haitianos ao mesmo tempo, que as vagas destinadas para os imigrantes é o que se conhece como “chão de fábrica”, ou seja, um trabalho duro com pouca remuneração. (SOUZA, 2019)

---

vai precisar traduzir tudo e é uma burocracia grande e bastante dinheiro. (Entrevistada D, 2020, p. 21, grifo nosso)

Outro momento importante da entrevista, foi quando a imigrante destacou mais uma vez a importância da Escola como espaço de acolhimento, inclusão e formação da interculturalidade. Relembrou com carinho do último ano do Ensino Médio quando a direção da Escola proporcionou, em uma atividade cívica, um momento para celebrar também as questões do país de origem da imigrante, e ela pôde cantar o hino do Haiti como forma de celebração:

Eu cantei aquele hino porque... Assim, foi o momento mais maravilhoso. Todo mundo prestando atenção, todo mundo tava ali na emoção comigo. Parecia que eles se importavam com aquilo, sabe? Eu não era a única. (Entrevistada D, 2020, p. 19)

A imigrante relatou tal lembrança com emoção, evidenciando o quão potente pode ser o acolhimento por parte da escola, direção, professores e colegas, e por terem mostrado que a reconhecem no espaço escolar, se importam com o sentimento de nacionalismo que existe com o seu país de origem e a incluem naquilo que lhe é caro como haitiana: a sua nacionalidade.

Conjuntamente com a cidadania e nacionalidade, o nome e a cultura mostram-se elementos intrínsecos para a formação da identidade do sujeito. O idioma faz parte da expressão cultural e é um aspecto fundamental desta, sendo “o meio do qual nos valemos para transmitir às gerações o mais íntimo de nosso ser” (ROVIRA, 2008, p. 3), pois é através da linguagem que o ser humano define, molda e nomeia as experiências vividas.

Quando os imigrantes são obrigados a esquecer o seu idioma para se adaptar ou aculturar-se ao novo país, isso acarreta, muitas vezes, a perda de suas raízes, identidade e a intimidade de ser daquela nacionalidade, desconectando-se de sua família e seu passado. O idioma fornece sentido às estruturas sociais, inclusão e exclusão, pertencimento e não-pertencimento; indo além da mera formação do contorno da identidade (ROVIRA, 2008).

Esta forte conexão entre a língua, cultura e o sentimento de pertencimento pode ser vislumbrado durante a entrevista D (2020), pois cita que teve de se esforçar muito para aprender a língua portuguesa, mas a gratificação ao perceber que já estava conseguindo se comunicar na língua de sua nova “casa” foi grande:

Então, a Língua Portuguesa pra aprender pede muito esforço, bastante força de vontade, porque é uma língua difícil. Para mim, eu não sei exatamente especificar se foi difícil ou fácil, até porque quando eu vim, eu fiquei um período de três a quatro meses fechada, dentro de casa, sendo que eu não estudava, nem trabalhava. Porque eu cheguei em outubro e já tava encerrando o ano. Então eu ficava assistindo série, novela, jornal, eu lia bastante. (Entrevistada D, 2020, p. 3)

Nessa narrativa a entrevistada conta quais estratégias foram utilizadas por ela para aprender a falar português e de como o isolamento inicial dificultou essa questão. Na continuação de seu relato aparece a essência da importância da comunicação na sociedade de destino, trata-se de uma comunicação para a vida, para o cotidiano “E quando eu percebi que dava pra me comunicar em português, foi quando eu saí e encontrei uma criança no ônibus, ela veio e falou comigo, aí eu percebi que as perguntas que ela fazia dava de entender e eu conseguia responder” (Entrevistada D, 2020, p. 3), narrativa que expõe a importância da experiência para aprendizagem da língua. É quando eu entendo o outro e ele me entende que se efetiva a aprendizagem e reforça, portanto, o papel social da linguagem. A alegria dessa descoberta se percebe quando a jovem exclama “Falei: opa, eu tô falando! E saí falando com todo mundo (risos)” (Entrevistada D, 2020, p. 3).

Nesse processo de descobertas pelo domínio da nova língua a entrevistada também experienciou a face mais violenta da imigração. Além do sentimento de ser uma imigrante haitiana e a nova conexão com o Brasil, ela conta a história de como se “descobriu” uma pessoa negra enquanto ainda estava no Ensino Médio, quando, infelizmente, vivenciou uma situação de preconceito por parte de outra adolescente. Tal situação lhe marcou muito porque, segundo ela, a fala foi de menosprezo em relação a si, à sua família e sua etnia:

Insinuou que a gente [família da entrevistada] era um bando de morto de fome que veio para cá, “vai saber se não tava se escondendo da polícia, se não cometeu algum crime” (...). Eu tinha uns 14 anos e era a pior coisa que ela podia falar para mim. É... Eu briguei com ela, eu bati nela e depois fui chorando pra casa, porque aquilo me doeu, sabe? **E naquele dia eu aprendi a palavra negra, porque eu não sabia que existia.** É curioso e é engraçado, que lá [no Haiti] eu não sabia se existia a palavra negro. (Entrevistada D, 2020, p. 11, grifo nosso)

Na sequência da narrativa, uma das partes mais interessantes desta fala foi o questionamento ao pai se existia tal palavra em sua língua materna. Como explica

Rovira (2008), a língua do país de origem torna-se a língua da emoção e do coração, enquanto a do país receptor assume o papel da razão e necessidade do dia a dia. Logo, buscando compreender melhor o que seria tal adjetivo e as suas implicações, a entrevistada voltou-se ao crioulo e ao francês.

Depois de ter brigado com ela, eu fui para outra amiga minha e falei “o que que é negro? O que que significa isso?” e ela me explicou. Enfim, aquilo me acabou. Fui para casa, contei pro meu pai que uma menina tinha me chamado de negra e **eu perguntei pra ele se existe essa palavra em crioulo ou em francês**. Aí que ele me explicou que existe. Então, é... A partir daquele dia, eu passei a me sentir negra, sabe, eu passei a me sentir diferente. (Entrevistada D, 2020, p. 11, grifo nosso)

Declarou que foi a partir desse dia que começou a prestar atenção que muitas pessoas davam importância para a diferença da cor da pele e nos detalhes de como agiam consigo ou a sua volta e que, quando se comportavam de determinada forma, questionava se isso era por causa da sua cor ou se apenas não gostavam da sua personalidade, preferindo não taxar determinados comportamentos como preconceito por não saber o que se passa dentro de cada um (Entrevistada D, 2020, p. 12-13).

Este sentimento de “ser negra” modificou até mesmo a forma com a qual se apresenta esteticamente, pois antigamente alisava o cabelo e hoje se orgulha de seu crespo e da sua característica como imigrante. Ainda, relacionado a essas questões de preconceito, xenofobia e recusas locais, foi trazido à tona a discussão em relação a uma pichação xenofóbica, “O Haiti não é aqui”<sup>10</sup>, em que disse:

Mas não é mesmo [o Haiti]! A pessoa que fez é inteligente. Não é, e nunca vai ser. A gente tenta fazer daqui o nosso recomeço, o nosso lar. A gente não tenta trazer o Haiti para cá. Se a gente quiser viver no Haiti, a gente vai para lá. Então se eu achasse a pessoa que fez isso, ia falar “Mano, cê é muito inteligente, parabéns! Você fez uma obra de arte”. (Entrevistada D, 2020, p. 11)

A astúcia da entrevistada na elaboração dessa questão é impressionante. Com um misto de ironia e muita inteligência na análise do ato comunicacional explícito na pichação, ela ignora solenemente a mensagem xenófoba em um primeiro momento, e faz a opção de refletir por outro viés essa questão étnica. “Porque, sinceramente,

<sup>10</sup> A pichação com evidente conotação xenofóbica ocorreu em 2016 no muro de uma grande empresa na Avenida Getúlio Vargas, em Joinville, e desencadeou discussões no mundo físico e digital. Para maiores informações acesse: <https://ndmais.com.br/noticias/pichacao-em-parede-cao-polemica-nas-redes-sociais-em-joinville/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

---

nenhum momento passou na minha cabeça que aqui é o Haiti, até porque no Haiti é muito raro eu ver uma pessoa branca. Muito raro e aqui eu vejo” (Entrevistada D, 2020, p. 11).

E seguiu de forma ativa dizendo “Então eu sinceramente não deixei aquilo me afetar. Eu sei que a pessoa que fez isso, fez com uma intenção muito má, de magoar e dizer: vaza daqui que aqui não é o seu espaço” (Entrevistada D, 2020, p. 11); deixando evidenciado que compreendeu a mensagem e o sentimento de incômodo, “eu já fui muito negativa. Hoje eu tento ser mais positiva, tento ver mais o lado bom das coisas” (Entrevistada D, 2020, p. 21).

A jovem conclui expressando que sim, esse ato de violência simbólica atinge aos haitianos, mas a vida migrante exige que se siga com resiliência destacando as conquistas e não as dores sofridas. Nessa reflexão, a entrevistada realça seu empoderamento diante da situação e de sua condição migrante, a ampla compreensão do processo histórico de construção do Brasil e sua cidadania global, quando diz que se parar para pensar,

“O que eu tô fazendo aqui? Aqui não é o meu lugar”. Só que o lugar do homem nessa terra é onde ele quiser. O português veio para cá e tirou os indígenas daqui e é a mesma coisa, eu posso dizer: “Aqui não é o teu lugar, porque quem começou aqui foram os indígenas, não foram vocês”, entende? Então com que direito que você vem me falar que eu não tô no meu lugar? Esse pedaço de terra aqui quem fez foi Deus, que é um querido, então eu tô no meu lugar sim e ponto. Eu penso assim (risos). (Entrevistada D, 2020, p. 21)

Outro destaque a ser feito nesse processo da narrativa da entrevistada D, é que ela utiliza das redes sociais digitais como espaço de engajamento e empoderamento. Realiza um quadro de entrevistas com artistas haitianos em seu perfil no Instagram, que é listado como criador de conteúdo digital<sup>11</sup>. Em sua biografia expõe sua religiosidade como cristã e lista dois perfis de projetos dos quais é integrante. Um deles é de palestras motivacionais relacionadas a saúde mental e social – feitas em crioulo, inglês e francês. E a outra conta busca divulgar informações sociopolíticas e instrutivas, exclusivamente em crioulo e, ligadas ao Haiti. Possui mais de 7.600 seguidores e 55 publicações. Estão nos destaques temas e momentos marcantes como acontecimentos pessoais e as *lives* que faz com artistas. Dessa forma, dialoga sobre a importância de sua cultura e da

---

<sup>11</sup> Informações levantadas em 12 de agosto de 2021, no perfil pessoal da entrevistada que foi repassado aos autores durante sua entrevista em 2020.

---

cidadania – buscando proporcionar visibilidade para cultura de seu país de origem (Entrevistada D, 2020, p. 15).

Entende-se que a imigrante utiliza do mundo digital como forma distinta de engajamento cidadão, uma vez que no idioma crioulo proporciona debates e visibilidade da cultura haitiana para quem permanece no Haiti e, sobretudo, para os haitianos que estão em uma condição migrante mundo afora. Fica claro esse objetivo quando a entrevistada diz “Já que se trata de artistas haitianos, então provavelmente eles não falam português, então eu faço as *lives* em crioulo e francês, é misturado né? É mais para os haitianos” (Entrevistada D, 2020, p. 15), justifica ela.

Em seguida diz existir também um desejo de seus amigos brasileiros em conhecerem a cultura haitiana “mas eu ‘tô tendo alguns brasileiros que tão falando para mim: eu não entendo, eu quero entender. O que você fala? Por que você faz?” (Entrevistada D, 2020, p. 15), narrando com alegria esse fato se comprometendo a viabilizar essa programação também em português, quanto diz sorrindo “Então eu ‘tô tentando ver um horário e uma forma de trazer um pouco da minha cultura, do Haiti, pra vocês, entende? As músicas, essas coisas...” (Entrevistada D, 2020, p. 15). O desejo é que, pelos seus atos comunicacionais nesse espaço virtual, seja possível que a sociedade receptora conheça um pouco do seu mundo.

Percebe-se na narrativa a perspectiva da interculturalidade e a construção de laço material-simbólico entre o local de origem e de destino, onde as redes sociais

podem ser contemplados pelo conceito [de interculturalidade], desde que sejam concebidos e elaborados a partir da iniciativa migratória, considerem as atividades de seus membros, leitores ou simpatizantes e que sua finalidade seja a interação, não só entre os espaços referentes aos países de origem e de acolhida, mas de sujeitos e narrativas, numa constante troca virtual que só internet é capaz de proporcionar. (ELHAIJI; ESCUDEIRO, 2018, p. 6)

Nessa perspectiva, estaria a entrevistada em consonância com a ideia de identidade na pós-modernidade concebida por Hall (1992) como plural devido aos sistemas culturais de representação e significação se multiplicarem, pelo fato de expressar-se constantemente em diversas línguas e colocar em suas publicações legendas feitas em francês, crioulo e português – mostrando o vínculo forte que possui com o Haiti e o Brasil.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado nos provoca a pensar o quanto é complexo o tema da migração, cidadania e empoderamento. Os indícios apontam que o espaço das plataformas digitais podem se configurar em ambientes adequados para o processo de construção da cidadania e da discussão da interculturalidade. No entanto, faz-se necessário um aprofundamento sobre a recepção desse conteúdo, a interação, o alcance e a concretude na garantia e ampliação dos direitos.

A narrativa ora analisada indicou que a realidade do imigrante no contexto brasileiro apresenta tensões étnicas e sociais atravessadas pelo racismo, como acontece com a população negra brasileira, mas acrescentada de atitudes de xenofobia. Na experiência da entrevistada D, algumas questões aparecem de forma mais clara, entre elas o fato de desejar dar visibilidade para sua cultura de origem. Quanto à possibilidade de empoderamento e luta contra essa xenofobia, pela utilização das plataformas digitais, não fica claro na narrativa que essa seja uma intenção deliberada.

Se por um lado, a utilização da língua de origem (o crioulo), no ambiente virtual, significa um fortalecimento da cultura de origem também o desejo da imigrante de traduzir seus conteúdos para o português pode indicar uma construção deliberada de interculturalidade. Percebe-se a importância da língua de origem em seu relato e o orgulho seu país, da mesma forma que expressa também já se sentir parte do Brasil.

Nota-se que as redes sociais surgem para os imigrantes como um espaço de vivências, como um canal para o estabelecimento de novas relações e visibilidade de sua cultura e história. O que se pretende com a pesquisa como um todo, é entender o potencial das redes sociais digitais na conexão das interculturalidades, na promoção de suas subjetividades e na implantação dos direitos humanos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Limites e paradoxos da cidadania no território fronteiriço: O atendimento dos brasiguaios no sistema público de saúde em Foz do Iguaçu (Brasil). Geopolítica(s). *Revista de estudios sobre espacio y poder*, v. 3, n. 2 (2013), p. 185-205. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/GEOP/article/viewFile/40040/40396>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. 2006. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Carvalho-13/publication/268809917\\_A\\_TRAJETORIA\\_DA\\_INTERNET\\_NO\\_BRASIL\\_DO\\_SURGIMENTO\\_DAS\\_REDES\\_DE\\_COMPUTADORES\\_A\\_INSTITUICAO\\_DOS\\_MECANISMOS\\_DE\\_GOVERNANCA/links/54774a430cf2a961e4825bd4/A](https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Carvalho-13/publication/268809917_A_TRAJETORIA_DA_INTERNET_NO_BRASIL_DO_SURGIMENTO_DAS_REDES_DE_COMPUTADORES_A_INSTITUICAO_DOS_MECANISMOS_DE_GOVERNANCA/links/54774a430cf2a961e4825bd4/A). Acesso em: 6 set. 2021.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. **Narrativas, territorialidades e memória coletiva no contexto webdiaspórico**. 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/42321071/Narrativas\\_territorialidades\\_e\\_mem%C3%B3ria\\_coletiva\\_no\\_contexto\\_webdiasp%C3%B3rico](https://www.academia.edu/42321071/Narrativas_territorialidades_e_mem%C3%B3ria_coletiva_no_contexto_webdiasp%C3%B3rico). Acesso em: 11 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** (1992). Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro - 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOINVILLE. **Joinville é certificada pelo bom atendimento aos migrantes**. Publicada em: 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/noticias/joinville-e-certificada-pelo-bom-atendimento-aos-migrantes/>. Acesso em: 05 set. 2021.

LEGISWEB. **Resolução Normativa CNIg nº 97 de 12/01/2012**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083##:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20concess%C3%A3o%20do,1980%2C%20a%20nacionais%20do%20Haiti>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A Imigração Haitiana em Santa Catarina**: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2017. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322136/1/Magalhaes\\_LuisFelipeAires\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322136/1/Magalhaes_LuisFelipeAires_D.pdf). Acesso em: 16 jun. 2021.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. 3ª ed. Antígona, 2014.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, [s. l.], v. 08, n. 03, jun. 2007. Disponível em: [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/352820/mod\\_glossary/attachment/5460/O%20Ciberespa%C3%A7o.%20o%20termo,%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20conceito.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/352820/mod_glossary/attachment/5460/O%20Ciberespa%C3%A7o.%20o%20termo,%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20conceito.pdf). Acesso em: 6 set. 2021.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. Cidadania: história e política de uma palavra. **Sínteses – Revista do Curso de Pós-Graduação**, 2005, Unicamp, v. 10, p. 419-430. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/viewFile/6350/7263>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ONU. **Ranking IDH Global 2014**. Organização das Nações Unidas (2015). Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em: 27 jun. 2021.

POLÍCIA FEDERAL. **Registros Ativos Haitianos de 2007 à 27/04/2020 - Joinville/SC**. Encaminhada por Fabiano Jose Rohr, responsável pelo Núcleo de Migração da Polícia Federal de Joinville. Informações enviadas por e-mail em: 27 abr. 2020. Joinville, Santa Catarina.

ROVIRA, Lourdes C. **A relação entre o idioma e a identidade**: o uso do idioma materno como direito humano dos migrantes. 2008. Disponível em: [https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/a\\_relacao\\_entre\\_idioma\\_e\\_identidade\\_lourdes\\_rovira-1.pdf](https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/a_relacao_entre_idioma_e_identidade_lourdes_rovira-1.pdf). Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTOS, Fernando Damazio Dos. **Imigração Haitiana ao Brasil**: Especificidades e Dispositivo de Política Migratória Empregado pelo Estado Brasileiro. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30404428.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Sirlei de. **Narrativas Imigrantes**: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses\\_dissertacoes\\_interna.php?tease=20](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=20). Acesso em: 25 jun. 2021.

WENCESLAU, Maurinice Evaristo; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cidadania, Diferença E Cultura**: da Ciência política e jurídica aos documentos curriculares locais. III Seminário Internacional Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica (2017). Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/imagensdajustica/files/2018/02/WENCESLAU\\_E\\_SILVA.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/imagensdajustica/files/2018/02/WENCESLAU_E_SILVA.pdf). Acesso em: 27 jul. 2021.